

Concepções de avaliação dos profissionais da educação infantil da rede pública municipal de Ituiutaba, Minas Gerais

Celina Elisa de Paiva¹, Fernanda Duarte Araújo Silva²

Resumo

O presente artigo apresenta dados de uma pesquisa realizada na Universidade Federal de Uberlândia, cujo propósito foi investigar as concepções de avaliação dos profissionais da educação infantil que atuam na rede pública de ensino de Ituiutaba, Minas Gerais. Como instrumento de coleta de dados, utilizou-se um questionário composto por questões abertas, com o objetivo de desvelar as seguintes questões: Quais as concepções de avaliação dos profissionais da educação infantil? De que forma esses sujeitos têm avaliado as crianças na educação infantil? Quais são os instrumentos avaliativos que utilizam? O que fazem com os resultados das avaliações que realizam? Quais as dificuldades e vantagens que encontram em realizar a avaliação? Os dados coletados foram organizados em categorias e analisados a partir do referencial teórico estudado. Observou-se que os professores pesquisados têm consciência da importância da avaliação no processo de ensino-aprendizagem das crianças. Além disso, verificou-se a necessidade de o professor observar e registrar todos os momentos das atividades das crianças, pois, por meio dessas observações, o sujeito constrói oportunidades para que elas desenvolvam suas habilidades e potencialidades.

Palavras-chave

Educação Infantil. Avaliação. Aprendizagem. Educação.

1. Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: celinaelisa@hotmail.com.

2. Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia; professora do curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: fernandaduarte@pontal.ufu.br.

Notions of the evaluation of the pre-school education professional in a municipal public system of Ituiutaba, Minas Gerais state, Brasil

Celina Elisa de Paiva*, Fernanda Duarte Araújo Silva**

Abstract

This paper is a research carried out at the Federal University of Uberlândia. It aims to observe the notion of the evaluation of the pre-school education professionals of the municipal public system of Ituiutaba, Minas Gerais. We applied a questionnaire with these open questions: Which are the notions of the evaluation of the pre-school education professional? How they evaluate the pre-school education professional? Which evaluation tools are used? Which are the results of this evaluation? Which are the advantages and disadvantages of this evaluation? The results were organized into categories and analyzed based on a theoretical framework. We observed that the teachers are aware of the importance of evaluation of children for the teaching-learning process. Thus, we verify that is necessary that the teacher observes and records every moment of the child's activities in order to build opportunities for children to develop their skills and potential.

Keywords

Pre-school education. Evaluation. Learning. Education.

* Undergraduate in Pedagogy, Federal University of Uberlândia, Minas Gerais, Brazil. E-mail: celinaelisa@hotmail.com.

** PhD in Education, Federal University of Uberlândia, Minas Gerais, Brazil; professor of Pedagogy, School of Integrated Sciences of the Pontal, Federal University of Uberlândia. E-mail: fernandaduarte@pontal.ufu.br.

Introdução

O presente artigo apresenta dados de uma pesquisa realizada no curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal da Universidade Federal de Uberlândia (FACIP-UFU). Nosso propósito, nesta pesquisa, foi investigar quais as concepções de avaliação dos profissionais da educação infantil que atuam na rede pública de Ituiutaba, Minas Gerais. Além disso, buscamos analisar a forma como esses sujeitos têm avaliado as crianças, quais instrumentos avaliativos utilizam e as possíveis dificuldades e possibilidades que os sujeitos encontram ao realizar essa avaliação.

Esta pesquisa é de caráter qualitativo e, para seu desenvolvimento, realizamos uma pesquisa bibliográfica e de campo sobre a avaliação na educação infantil e utilizamos questionários para a coleta de dados. Os sujeitos da pesquisa faziam parte de um curso de extensão desenvolvido na UFU no ano de 2014, com carga horária de 40 horas, intitulado: “Educação infantil: saberes e práticas pedagógicas”, que teve como um de seus objetivos propiciar aos profissionais da educação infantil da rede pública de Ituiutaba espaços de reflexão sobre sua prática, bem como a aproximação com os trabalhos e pesquisas desenvolvidas no âmbito da universidade.

O interesse por pesquisar sobre a avaliação na educação infantil surgiu no decorrer da disciplina “Currículo e educação infantil” ministrada no curso de Pedagogia. A discussão em sala de aula sobre o tema nos proporcionou a construção de outro olhar sobre essa etapa de ensino. Com isso, passamos a refletir a respeito de como era, o que era e/ou que deveria ser a avaliação nesse nível de ensino.

A pesquisa justifica-se no contexto de que os debates, estudos e produção sobre a avaliação educacional se intensificaram nos últimos anos, no entanto, ainda percebemos, no interior das instituições escolares, poucas transformações nas práticas avaliativas.

Este trabalho busca, assim, dialogar sobre as concepções de avaliação dos profissionais da educação infantil e, a partir desta análise, acreditamos na possibilidade de propiciar reflexões sobre a organização do trabalho pedagógico, especialmente no que se refere às práticas avaliativas nessa etapa de ensino.

Para melhor organização, este artigo está dividido em momentos, sendo que, no primeiro, discutimos sobre a avaliação na educação infantil; em seguida, apresentamos e discutimos os resultados da pesquisa; e, por fim, realizamos algumas considerações sobre o trabalho desenvolvido.

A avaliação na educação infantil

Sabemos da importância de construirmos conhecimentos e reflexões sobre o processo avaliativo na educação infantil. A criança é um ser social que nasce com capacidades afetivas, cognitivas e emocionais. Elas desejam estar juntas de outros indivíduos e também possuem a capacidade de interagir e aprender com o próximo.

Nesse sentido, para que as crianças se sintam cada vez mais seguras em seu desenvolvimento é primordial que as relações sociais, interações e formas de comunicação ocorram de forma ampla. Se tais colocações forem apreciadas, fica assegurada às crianças aprenderem por meio das trocas sociais com outras crianças e também com adultos cujas percepções e compreensões da realidade também são diversas. Assim, reconhecemos que a aprendizagem acontece de forma gradual, contínua, cumulativa e integrativa, no entanto, vários docentes não sabem como avaliar, por isso, promovem apenas a mera verificação da aprendizagem.

A nosso ver, a prática avaliativa se designa a alcançar informações e elementos capazes de beneficiar o desenvolvimento das crianças e

ampliação de seus conhecimentos. Desta feita, a avaliação não é somente medir, comparar ou julgar. Muito mais do que isso, a avaliação apresenta uma importância social e política fundamental no fazer educativo.

Na educação infantil encontramos autores, tais como Hoffmann (2001) que afirma que há uma necessidade de práticas reflexivas que sejam capazes de conhecer como as crianças aprendem e se desenvolvem. A autora destaca que

Sem dúvida, a avaliação, na educação infantil, passa a exigir uma investigação dos reflexos sofridos do modelo de controle, vigente no ensino regular, que atrelado à finalidade de controle das famílias sobre a eficiência da instituição, acaba por comprometer seriamente o significado dessa prática em benefício ao processo educativo. (HOFFMANN, 2001, p.10).

A autora ainda destaca que as grandes partes dos métodos avaliativos são apenas formas de registro dirigidas aos pais ou à instituição, deixando de lado o aluno. Para Hoffmann (2001, p. 82) “os resultados enunciados não têm por objetivo subsidiar a ação educativa no seu cotidiano, mas assegurar aos pais e à escola que as atividades estão se desenvolvendo e que as crianças estão as realizando”.

Podemos perceber que, por mais que na educação infantil a avaliação não exija a atribuição de nota ou conceitos para as crianças, na maioria dos casos, ela acaba por classificar e ainda possui características do ensino fundamental. Hoffmann (2005) comprova esse fato apontando que há aspectos de uma avaliação formal na educação infantil e um exemplo é a existência de boletins de acompanhamento dos alunos. Além disso, ocorre com grande frequência a avaliação informal, que tem por finalidade o controle e a vigilância de comportamentos e da disciplina das crianças por meio de ameaças e controles variados.

Para Ballester (2003), a importância da avaliação na educação infantil ocorre pelo papel de instrumento para ajustar, de forma contínua, a intervenção dos professores à resposta dos alunos. Enfim, a autora pontua que existem três tipos de instrumentos de avaliação, que são as do tipo aberto (diários), semiestruturado (pauta de observação) e fechado (ficha de conduta específica). Ademais, acredita que esses instrumentos são primordiais e válidos, entretanto, chama a atenção para a importância de conhecê-los e de como eles dizem sobre a concepção que a escola e os professores têm sobre a ação avaliativa.

Com isso, podemos perceber que estudos consideram que a prática avaliativa precisa ser entendida como mediador do processo de ensino e aprendizagem. Bassedas (1999, p. 173) defende que “a avaliação pode ser um poderoso instrumento para ajudar o aluno a aprender melhor”. No entanto, nossas experiências em escolas demonstram que, na prática, isso pouco acontece.

O avaliar na educação infantil precisa dar privilégios aos interesses e as necessidades de cada criança, acreditar em suas tentativas de aprender, dar valor em suas descobertas. Com essas atitudes, acreditamos que a avaliação estará centrada no aluno e no processo pedagógico.

Segundo Vasconcellos (1994, p. 59), a avaliação deve-se fundamentar na observação e registro:

Observação da criança fundamentada no conhecimento de suas etapas de desenvolvimento. Oportunização de novos desafios com base na observação e reflexão teórica. Registro das manifestações das crianças e de aspectos significativos de seu desenvolvimento. Diálogo frequente e sistemático entre os adultos que lidam com a criança e os pais ou responsáveis. No caso de comunicação aos pais, é muito mais significativo o parecer descritivo (relatório) do desenvolvimento da criança, que a emissão de conceitos ou menções.

Acreditamos que, ao se realizar essa proposta, ocorrerá, realmente, uma ação avaliativa, e assim, oferecerá ao aluno o seu desenvolvimento integral.

Segundo Hoffmann (2001) avaliar é muito mais que conceber as crianças como seres simplesmente a serem observados, ou seja, a finalidade pedagógica avaliativa deve oferecer condições para o docente criar objetivos e planejar atividades adequadas ao desenvolvimento dos alunos. Por isso, acreditamos na perspectiva apresentada por Nicolau (1986, p. 289) sobre avaliação:

A avaliação deve ser um instrumento para o educador reformular a ação educativa que exerce, de modo a contribuir decisivamente para o desenvolvimento integral do potencial infantil. Especialmente na pré-escola, antes de nos preocuparmos em avaliar a criança, temos de desafiá-la para que desenvolva o seu potencial. Em vez de rotular a criança a partir do que ela ainda não faz, devemos partir daquilo que já é capaz de fazer, para ajudá-la a fazer o que certamente aprenderá.

Enfim, para atingirmos uma educação significativa é necessário que, durante todo o processo de formação, a criança tenha a oportunidade de superar as suas possíveis dificuldades.

Diante das colocações, é importante considerar que a avaliação deve ser diagnóstica, processual e formativa, envolvida com uma aprendizagem inclusiva, em que todas as crianças tenham a oportunidade de aprender. E com isso, ressaltamos que a observação da escrita, trabalhos, organizações de diários coletivos, painéis, álbuns, elaboração de portfólio são materiais que devem estar presentes na educação infantil.

Acreditamos que o professor tem um papel fundamental na formação das crianças, criando condições para que elas apreendam novos conhecimentos, observando com atenção seus gestos e atitudes, e, assim, ele poderá contribuir

para o desenvolvimento integral dessas crianças.

Discutindo os resultados da pesquisa

Esta pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa, pois busca compreender com mais ênfase o tema estudado. Segundo Godoy (1995), na pesquisa qualitativa não existe hipóteses pré-concebidas, uma vez que são construídas a partir da observação. Assim, neste tipo de pesquisa, não existe suposta certeza do método experimental.

Para a coleta de dados utilizamos o questionário, que é um instrumento de investigação na busca por informações sobre determinado tema. Uma das vantagens do questionário é que ele possibilita interrogar um elevado número de sujeitos em um espaço de tempo relativamente curto.

Também a pesquisa bibliográfica foi essencial para poder fundamentar teoricamente o que é avaliar, permitindo assim, um amplo alcance de informações.

Para a concretização deste trabalho, cuja finalidade central foi investigar quais são as concepções de avaliação na educação infantil dos profissionais de Ituiutaba, pesquisamos um grupo de 27 sujeitos de diversas escolas da cidade. Os integrantes do grupo estavam inscritos no curso de extensão “Educação Infantil: saberes e práticas pedagógicas”, ministrado na Universidade Federal de Uberlândia, Campus Pontal, no ano de 2014.

As variáveis apresentadas pelo grupo inscrito no curso de formação foram as seguintes: faixa etária entre 19 e 60 anos de idade, com apenas um cursista do sexo masculino. Dos 27 sujeitos, 17 cursaram magistério, sendo que 16 deles estavam cursando Pedagogia; 2 tinham cursado pós-graduação; 1, pós-graduação em Educação Infantil; 3, Normal Superior; 4, curso superior completo, sendo que 2 deles especificaram ser Pedagogia e outros dois não especificaram qual curso. A maioria (20) era

professores, sendo que 17 especificaram ser na educação infantil. Referente à profissão, 2 eram inspetoras, 1 supervisora, 2 trabalhavam em serviços gerais e 2 eram auxiliares administrativos. Desse modo, destacamos a formação majoritária do grupo por profissionais que atuam em escolas públicas como professoras da educação infantil.

Antes de iniciarmos o curso, solicitamos aos cursistas que respondessem um questionário sobre questões referentes à educação infantil. Os sujeitos autorizaram a utilização dos questionários respondidos para a presente pesquisa, como também, para publicações em artigos científicos.

Questionamos então inicialmente sobre a concepção de avaliação. Ao analisarmos as respostas, percebemos que 13 cursistas concebem avaliação como forma de diagnosticar o nível de aprendizagem do aluno, ou seja, identificar limites e possibilidades dos educandos. Vejamos algumas falas:

Avaliação é o meio usado para diagnosticar o nível do aluno. (Sujeito 6).

Avaliar para diagnosticar em que momento se encontra a prática pedagógica do professor e o processo de ensino aprendizagem. (Sujeito 14).

Processo necessário para diagnosticar a aprendizagem dos alunos. (Sujeito 18).

É um processo formativo que tem como intuito diagnosticar avanços dos alunos para que o professor possa rever sua prática e pensar novas possibilidades. (Sujeito 23).

A avaliação é uma sondagem que fazemos para ter uma visão do que a criança traz como bagagem, o que ela já sabe e o que ainda precisa alcançar. É um roteiro para o nosso planejamento de ação. (Sujeito 26).

Sabemos que a avaliação diagnóstica não deve acontecer de uma forma solta e isolada. Segundo Luckesi (2005, p. 82), “para que a avaliação diagnóstica seja possível, é preciso compreendê-la e realizá-la comprometida com

uma concepção pedagógica”. E, ainda,

Esta forma de entender, propor e realizar a avaliação da aprendizagem exige que ela seja um instrumento auxiliar da aprendizagem e não um instrumento de aprovação ou reprovação dos alunos. Este é o princípio básico e fundamental para que ela venha a ser diagnóstica. Assim como é constitutivo do diagnóstico médico estar preocupado com a melhoria da saúde do cliente, também é constitutivo da avaliação da aprendizagem estar atentamente preocupada com o crescimento do educando. Caso contrário, nunca será diagnóstica. (LUCKESI, 2005, p. 82).

Haydt (1997, p. 23), por sua vez, nos mostra que a avaliação diagnóstica possui a seguinte finalidade: “identificar as dificuldades de aprendizagem, tentando discriminar e caracterizar suas possíveis causas”. A avaliação diagnóstica também determina a presença ou ausência dos pré-requisitos necessários para que as novas aprendizagens possam se efetivar.

Encontramos também onze entrevistados que conceituaram avaliação como instrumento capaz de possibilitar a intervenção no processo de aprendizagem e desenvolvimento do aluno, como demonstram algumas afirmações a seguir:

A avaliação é um instrumento que aponta os caminhos para a intervenção: as dificuldades e facilidades dos alunos, o que é preciso para colaborar no seu desenvolvimento, no seu processo de ensino/aprendizagem. (Sujeito 01).

A avaliação é acompanhar e registrar as dificuldades do aluno para poder intervir nas suas dificuldades. (Sujeito 05).

É o processo que o professor deve se utilizar para intervir na aprendizagem/desenvolvimento do aluno. (Sujeito 10).

É um processo em que se deveria construir instrumentos para uma intervenção para a construção de uma melhor prática. (Sujeito 21).

Avaliar para assim poder intervir no trabalho do aluno e em mim como professora. É só através da avaliação que tenho como chegar a um senso comum ao sucesso do aluno. (Sujeito 27).

Diante das respostas dos cursistas, podemos perceber nelas a compreensão de que a avaliação é importante instrumento no processo de aprendizagem do aluno, por ser um recurso que possibilita ao professor analisar suas práticas e ressignificá-las.

Encontramos também sujeitos que não diferem o ato de avaliar do de observar:

Devemos avaliar nossos alunos diariamente, saber o seu desenvolvimento, procurar observar se seus objetivos foram alcançados, não avaliar só os conteúdos, mas a formação pessoal de nossas crianças. (Sujeito 2).

Observar, analisar, o desenvolvimento da criança, sua aprendizagem e dificuldades. (Sujeito 4).

É a forma de observar o desenvolvimento dos alunos. (Sujeito 13).

É importante ressaltar que a partir dos dados coletados em observação no cotidiano escolar, o profissional obtém recursos de investigação e planejamento, os quais possibilita o sujeito avaliar o desenvolvimento da criança.

Os dados obtidos através da observação podem ser usados de forma proveitosa na apreciação do resultado do aproveitamento escolar do aluno, como também para o aperfeiçoamento do trabalho didático em sala de aula, pois, a partir das conclusões de suas observações, o professor pode introduzir modificações para adaptar os conteúdos curriculares e melhorar as estratégias de ensino. (HAYDT, 1997, p. 126).

Tivemos ainda três sujeitos que não conseguiram conceituar qual a concepção de avaliação, dentre eles, um que respondeu à pergunta da seguinte forma:

Avaliação não precisa ser escrita, pode-se avaliar sem que o aluno saiba também. (Sujeito 9).

Em seguida, questionamos aos docentes como têm avaliado as crianças no cotidiano escolar. Doze deles afirmaram realizar de forma contínua, diária e como forma de acompanhamento do desenvolvimento das crianças, como demonstra as falas abaixo:

Processual, por meio de observações, registros e intervenções, respeitando os tempos de cada aluno. (Sujeito 1).

De forma processual, contínua e principalmente emancipatória. Procurando perceber se a prática está suprindo os objetivos. (Sujeito 3).

Faria uma avaliação contínua, democrática, participativa e diagnóstica. (Sujeito 14).

Deve acontecer de forma contínua, acompanhando assim, todas as etapas que a aprendizagem irá percorrer. (Sujeito 15).

De forma processual, contínua e formativa. Pois, acredito que a avaliação na Educação Infantil tem que ser informal e a todo o momento. (Sujeito 17).

Analisando tais afirmações, percebemos que enfatizam uma avaliação baseada na observação e no acompanhamento diário dos alunos. Verificamos também que quatorze cursistas exploram a contação de histórias, material concreto e brincadeiras, jogos e dinâmicas para promover a avaliação na educação infantil, dentre eles:

Bom! Procuo desenvolver todos os recursos que são necessários para o desenvolvimento deles, como contação de histórias, brincadeiras, atividades de registros, movimentos, etc. (Sujeito 2).

Avalio diariamente, faço isto nas brincadeiras, com jogos. Com atividades coletivas individuais, enfim, todos os dias faço anotações para acompanhar o crescimento da minha turma

(Sujeito 7).

Pode ser através de jogos, mímicas, danças, músicas, contação de histórias, conversas informais. (Sujeito 12).

Anotações diárias, jogos, brincadeiras, músicas. Atividades dirigidas ou não que envolvam a criança e busquem seu desenvolvimento integral. (Sujeito 18).

Jogos lúdicos com perguntas em forma didática e divertida sem o fantasma da nota. (Sujeito 22).

De diversas formas com material concreto, através da oralidade, de desafios para o nível que eles se encontram ou que podem alcançar fichas de observação que demonstram e registram o crescimento da criança em várias áreas. (Sujeito 26).

Entendemos que, a partir da aplicação individual ou coletiva do jogo, é possível avaliar a aprendizagem por meio da observação das várias etapas que o envolve. Observamos que os cursistas entendem o brincar como uma forma de aprender por meio de jogos, brincadeiras, contação de histórias, músicas, entre outros. Porém, o brincar não é um instrumento avaliativo, assim percebemos um equívoco quando os cursistas conceituaram anteriormente o brincar na concepção de avaliação:

a brincadeira é uma situação privilegiada de aprendizagem infantil. Ao brincar, o desenvolvimento infantil pode alcançar níveis mais complexos por causa das possibilidades de interação entre os pares numa situação imaginária e pela negociação de regras de convivência e de conteúdos temáticos. A experiência na brincadeira permite às crianças: a) decidir incessantemente e assumir papéis a serem representados; b) atribuir significados diferentes aos objetos transformando-os em brinquedos; c) levantar hipóteses, resolver problemas e pensar/sentir sobre seu mundo e o mundo mais amplo ao qual não teriam acesso no seu cotidiano infantil. (WAJSKOP, 1995, p. 67).

Encontramos também os que enfatizaram o uso da avaliação diagnóstica:

Através da conversa informal, trabalhos, tarefas feitas no início do ano e depois fazê-las novamente para testar sua aprendizagem, seu desenvolvimento e outros mais. (Sujeito 4).

Tenho feito a avaliação diagnóstica. Eu trabalho com o Maternal I e a minha avaliação é diária, de observação. (Sujeito 6).

Acreditamos em uma avaliação processual, por meio de observações, registros e intervenções cotidianas, respeitando, assim, as individualidades e o tempo de cada aluno.

Perguntamos aos entrevistados quais os instrumentos avaliativos utilizados para promover a avaliação na educação infantil, e o portfólio foi citado por seis deles:

O portfólio, o registro sobre o desenvolvimento de cada aluno, as produções de cada criança e até suas ações, suas falhas, observando se estão adquirindo novos conhecimentos, suas brincadeiras, jogos, participação. (Sujeito 1).

O portfólio é um ótimo recurso de avaliação dos alunos. (Sujeito 15).

Na educação infantil, os instrumentos avaliativos são de grande utilidade e mais, acredito que acompanha o aluno e ajuda o professor a avaliar o portfólio. (Sujeito 17).

Para Quintana (2003, p. 170-171), o portfólio

nos obriga a enfrentar o estudante como escritor, não somente a seu texto. Dessa maneira, relaciona-se o ensino, a aprendizagem e a avaliação em benefício do estudante.

Percebemos que o portfólio é um instrumento avaliativo que possibilita ao discente, mesmo da educação infantil, participar de alguma forma da construção dos objetivos de sua aprendizagem e avaliar também seus

avanços. Sendo assim, o portfólio proporciona benefícios tanto para o professor como para o aluno, oportunizando aos docentes conhecer cada aluno em suas especificidades.

Alguns sujeitos utilizam da observação diária para avaliar seus alunos, tais como:

Observando o decorrer da aula de forma a destacar o envolvimento e interação, bem como, o interesse das crianças. (Sujeito 3).

Observação de cada momento proposto para que se possa registrar os avanços. (Sujeito 23).

Para Haydt (1997, p. 123), a observação permite “avaliar objetivos educacionais que não podem ser apreciados com a mesma eficiência por outras técnicas”. Segundo a autora,

Os dados obtidos através da observação podem ser usados de forma proveitosa na apreciação do resultado do aproveitamento escolar do aluno, como também para o aperfeiçoamento do trabalho didático em sala de aula, pois, a partir das conclusões de suas observações, o professor pode introduzir modificações para adaptar os conteúdos curriculares e melhorar as estratégias de ensino. (HAYDT, 1997, p. 126).

A avaliação por meio da observação é a melhor maneira de coletar e registrar informações a respeito do aluno, de seus trabalhos realizados, de seus avanços no processo de ensino-aprendizagem e, até mesmo, de seu comportamento em sala de aula ou fora dela.

Seis cursistas destacaram também registros e relatórios como instrumento avaliativo na educação infantil:

Registro das conversas com os alunos, participação nas atividades e interesse pela aula. (Sujeito 5).

Através de relatórios (diários), uma ficha individual para cada aluno ou anotações em um caderno específico. (Sujeito 8).

Os instrumentos é o acompanhamento bem

de perto, é assentado no chão ouvindo, olhando de frente, aprimorando do “ser criança”. Registrando todos os momentos escritos e fotografados, encontrar, junto com a criança, meios para que as aulas fiquem mais significativas. (Sujeito 27).

Com isso, acreditamos que esses dois instrumentos citados (observação e registro) se relacionam, pois não basta apenas observar por observar, entendemos que essa observação só será significativa, como nos mostra Haydt (1997), quando forem anotados, constituindo um registro de fatos significativos da vida escolar do educando.

Desse modo, ao utilizarmos a observação como um método de coleta de dados para a avaliação, “é preciso estar alerta para não permitir a interferência das predisposições pessoais (preferências e aversões) nos resultados” (HAYDT, 1997, p. 136). Em suma, realizar uma observação que estimule interesses, compense limites e que atenda às necessidades das crianças.

Portanto, é fundamental que o profissional reflita sobre a sua prática pedagógica, contemplando a utilização de vários métodos e instrumentos avaliativos. Assim, a avaliação fornecerá mais dados a respeito do processo de aprendizagem dos alunos. Nesse sentido, Haydt (1997, p. 55), afirma que

quanto mais dados o professor puder colher sobre os resultados da aprendizagem, utilizando instrumentos variados e adequados aos objetivos propostos, tanto mais válida será considerada a avaliação.

Perguntamos também aos sujeitos o que eles fazem com os resultados das avaliações que realizam com seus alunos e percebemos que a maioria (15) os utiliza para poder intervir e melhorar as suas práticas em sala de aula. Vejamos algumas falas:

Uma análise, uma reflexão sobre minha atuação e onde preciso intervir na mediação

das aprendizagens. (Sujeito 1).

Após a avaliação do aluno o professor vai repensar sua aula para saber o que pode fazer para alcançar o objetivo proposto na sala de aula. (Sujeito 5).

Busco maneira de melhorar o meu trabalho em sala, proporcionando atividades adequadas que vá ajudar a todos coletivamente e principalmente os que têm mais dificuldades de desenvolvimento. (Sujeito 7).

Reavalio as minhas aulas, os métodos e as atividades que estou propondo para meus alunos. Buscando sempre melhorar para que as crianças se desenvolvam de forma simples e segura. (Sujeito 13).

O profissional deve refletir constantemente sobre a sua prática pedagógica dentro e fora da sala de aula. Desse modo, ele poderá entender seus alunos, mudar algo que não está dando certo, conhecer novas metodologias, e, assim, intervir para que ocorra uma educação significativa e de qualidade.

Avaliar é o ato de diagnosticar uma experiência, tendo em vista reorientá-la para produzir o melhor resultado possível; por isso, não é classificatória nem seletiva, ao contrário, é diagnóstica e inclusiva. Examinar é classificatório e seletivo, e por isso mesmo, excludente, já que não se destina a construção do melhor resultado possível, e sim a classificação estática do que é examinado. São situações opostas entre si, porém, nossos professores, em seu cotidiano não percebem tal distinção e quando dizem que estão avaliando, na verdade estão examinando. (LUCKESI, 2002, p. 84).

Outros três cursistas mencionaram que os resultados das avaliações são passados para a supervisão da escola:

É passado para a supervisão da escola. (Sujeito 6).

Questionados com a coordenação ou com a

supervisora. (Sujeito 8).

Durante o ano letivo fica de uso meu e das supervisoras e são arquivados no termino do ano letivo. (Sujeito 10).

Em outro momento, indagamos aos sujeitos quais as dificuldades que eles encontram em realizar a avaliação na educação infantil. Cinco cursistas afirmaram ser o número de alunos e a individualidade dos mesmos:

Estar atenta às individualidades dos alunos. (Sujeito 1).

O número de aluno para avaliar, às vezes o aluno é uma incógnita para o professor. (Sujeito 6).

A maior dificuldade é em relação ao número de alunos, a sala é muito cheia e só um professor. (Sujeito 25).

É difícil não impossível você dar aulas e ao mesmo tempo fazer as observações, atendendo de formar individualizada, e reconhecer o pensamento da criança no caso de sondagem. (Sujeito 26).

Cada criança apresenta um ritmo único no processo de desenvolvimento, assim o docente deve respeitar esse ritmo, sendo necessário sempre buscar estratégias que venham melhorar sua prática pedagógica.

Estender tempos de aprendizagem exige, da mesma forma, maior oportunidade ao educando de expressão de suas ideias. Assim, é essencial o investimento em pedagogias interativas, a formação de turmas menores, para que possa observar e compreender o aluno em atividade e na relação com os outros. (HOFFMANN, 2001, p. 63).

Entre as dificuldades encontradas ao realizar o ato de avaliação, dois sujeitos destacaram o trato com os supervisores escolares e com a direção:

Às vezes é encontrar materiais adequados para trabalhar a necessidade das crianças, visto que não tenho muito apoio da direção. Porém busco ajuda em outros lugares, com colegas, outras instituições. (Sujeito 7).

Às vezes a falta de interesse dos supervisores para observar as metodologias que são aplicadas dentro da sala de aula. (Sujeito 9).

Outros três sujeitos disseram que a principal dificuldade está vinculada à formação dos professores:

Às vezes falta de informações, mas um bom profissional sempre vai além de suas fronteiras. Por isso a importância de ser um eterno pesquisador. (Sujeito 8).

Poderá ser pelo processo de formação (tradicionalista) do professor. (Sujeito 11).

Pelas experiências, percebo que um dos entraves para a realização da avaliação na educação infantil é a formação dos professores, são formados, por exemplo, em outros cursos (História), e dão aula para os pequenos, a concepção é diferenciada da formação do Pedagogo. (Sujeito 15).

De acordo com Almeida (2002) é imprescindível uma formação de educandos que possibilite a criação ou (re)criação de um elenco próprio de significações acerca do ato educativo, ou seja, que o docente possa atribuir novos sentidos à mediação do conhecimento, bem como se questionar a respeito dos efeitos de sua prática no aprendizado dos seus alunos. Por meio de estudos e formação continuada, o profissional aprimorará suas práticas cotidianas, pois, somente assim, poderá construir diálogos e refletir sobre as práticas desenvolvidas nas escolas.

Encontramos também três sujeitos que acreditam que a dificuldade está relacionada no avaliar como processo formativo:

A dificuldade é fazer com que o processo avaliativo aconteça com real significado,

deixando de ser classificatório, punitivo e frustrante. (Sujeito 3).

Acredito que as dificuldades estão relacionadas em pensar uma avaliação como um processo formativo e não como uma prática classificatória e excludente. (Sujeito 23).

Outros dois cursistas afirmaram que a falta de tempo é a dificuldade encontrada ao realizar a avaliação na educação infantil:

O tempo necessário e disposição além de perceber a necessidade da avaliação cotidiana do aluno. (Sujeito 5).

As dificuldades muitas vezes são o descaso que os outros profissionais dão a avaliação. O tempo às vezes é muito corrido para tantos detalhes importantes. (Sujeito 27).

Tivemos, ainda, dois sujeitos que mencionaram que na educação infantil não existe avaliação:

O educador precisa estar atento e observador continuamente e como não existe uma avaliação propriamente dita, ele precisa fazer anotações diárias para acompanhar o desenvolvimento da criança. (Sujeito 18).

Pois, hoje em dia, os professores estão muitos presos na concepção de trabalhar avaliação na educação infantil; pensam que tem que recorrer à prova, porque acham importante. Enquanto outros pensam por ser sala de educação infantil não precisam de nenhum tipo de avaliação. (Sujeito 20).

Por fim, perguntamos aos sujeitos quais as vantagens encontradas ao realizarem a avaliação na educação infantil. A maioria (16) enfatizou que ela contribui para intervenções necessárias no trabalho docente. A seguir, apresentamos alguns relatos:

Saber onde preciso intervir. (Sujeito 1).

Através da avaliação o professor diagnostica falhas, crescimento e verifica até onde ele pode avançar e melhorar seu aprendizado.

(Sujeito 6).

É com ela que, às vezes, detectamos algum tipo de deficiência ou algum “socorro” que a criança esteja necessitando. E também para conhecer nossas crianças e suas capacidades. (Sujeito 8).

Poderá no seu dia a dia perceber quais as dificuldades apresentadas por cada aluno a fim de saná-las com trabalhos desenvolvidos pelos alunos. (Sujeito 11).

Diante das respostas, observamos que os sujeitos acreditam na importância da intervenção do professor no processo de aprendizagem, no qual devem acompanhar o aluno em seu desenvolvimento integral, pois ele é mediador entre a relação aluno e conhecimento.

No Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, o professor

é mediador entre as crianças e os objetos de conhecimento, organizando e propiciando espaços e situações de aprendizagens que articulem os recursos e capacidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas de cada criança aos seus conhecimentos prévios e aos conteúdos referentes aos diferentes campos de conhecimento humano. Na instituição de educação infantil o professor constitui-se, portanto, no parceiro mais experiente, por excelência, cuja função é propiciar e garantir um ambiente rico, prazeroso, saudável e não discriminatório de experiências educativas e sociais variadas. (BRASIL, 1998, p. 30).

Voltando à pesquisa, o restante dos sujeitos (11) afirmou que avaliar é importante para conhecer o aluno:

A vantagem é que através da avaliação nós testamos o desenvolvimento da criança, suas dificuldades e aprendizagem e conhece melhor a criança. (Sujeito 4).

A vantagem é que posso conhecer meus alunos e a especificidade de cada um deles, agindo individual e coletivamente. Assim nós

podemos crescer juntos. (Sujeito 7).

É um processo bem mais tranquilo por que a criança não sabe que está sendo avaliada, dessa forma ela age com mais espontaneidade o que torna o trabalho do educador mais fácil. (Sujeito 18).

Para que possa ter clareza dos avanços de cada criança no processo de desenvolvimento. (Sujeito 23).

A educação infantil é uma grande oportunidade de desenvolver várias possibilidades, por isso a avaliação vai ser o termômetro do que sua criança sabe e do que ela precisa saber, ampliando seus horizontes. Na educação infantil a avaliação é constante. (Sujeito 26).

Portanto, esses sujeitos acreditam em uma avaliação que desenvolva, nos educandos, autonomia e que lhes proporcione o desenvolvimento integral, formando cidadãos críticos, participativos e reflexivos, como afirma Rabelo (1998, p. 17):

Uma proposta pedagógica como um todo, incluindo a avaliação, deveria ter como objetivo desenvolver a autonomia do aluno, que é indissociavelmente social, moral e intelectual. Assim contribuindo para o pleno desenvolvimento da criança, enquanto cidadão, favorecendo o crescimento da sua capacidade de se organizar, de forma participativa em um grupo social. [...] a escola inserida num contexto sociocultural mais amplo, precisamos, ainda, considerar a avaliação também no seu aspecto mais técnico – formal e, se necessário, explicitar também em termos de medida os resultados alcançados pelo aluno em relação à aprendizagem dos conteúdos programáticos.

Percebemos, em linhas gerais, que os profissionais já possuem a concepção que a avaliação é essencial para o desenvolvimento do aluno, pois, por meio dela, o docente ajuda a criança a se desenvolver.

Algumas considerações

Buscamos, com este trabalho, compreender as concepções dos profissionais da rede pública municipal de Ituiutaba, Minas Gerais, sobre o processo de avaliação da aprendizagem das crianças da educação infantil. Consideramos que os sujeitos pesquisados concebem a avaliação como instrumento que aponta os caminhos para a intervenção, sendo ela um procedimento essencial no processo de ensino-aprendizagem do aluno e possibilitar ao professor analisar e ressignificar sua prática pedagógica.

Na educação infantil, os sujeitos entrevistados enfatizaram que para avaliar é necessária a observação de forma contínua das crianças e que ela possibilita ao professor colher e registrar informações.

Procuramos identificar os instrumentos que os cursistas relataram utilizar para promover a avaliação na educação infantil, sendo que o portfólio, a observação e o diagnóstico foram bastante citados.

Vale ressaltar que a avaliação não deve ficar na mera observação das crianças, mas também consiste em anotar/registrar as observações realizadas diariamente, pois essa prática possibilita ao docente verificar

o desenvolvimento de cada uma delas.

Ressaltamos também que, por meio dos resultados da avaliação, os sujeitos realizam uma análise, uma reflexão sobre sua atuação. Ela possibilita intervir na mediação das aprendizagens. Com isso, o profissional pode detectar os limites e potencialidades de cada criança.

As dificuldades encontradas mais citadas pelos cursistas para realizar a avaliação na educação infantil foram: estar atentos às individualidades dos alunos; o número de alunos por sala; a falta de autonomia perante a supervisão e direção; a falta de material didático; a falta de tempo; e a formação dos professores.

Por meio da análise dos questionários, constatamos que os cursistas acreditam que a avaliação possibilita ao professor construir seus planejamentos para poder intervir na construção do conhecimento de seus alunos, além de reavaliar suas atuações nas salas de aula a fim de mediar o processo de aprendizagem.

Portanto, para acompanhar a criança em seu desenvolvimento, é necessário ter um olhar teórico-reflexivo sobre seu contexto sociocultural e manifestações decorrentes do caráter evolutivo do seu pensamento e, acima de tudo, respeitá-la em sua individualidade e em suas contínuas e gradativas conquistas e conhecimento em todas as áreas

Referências

- ALMEIDA, S. F. C. de. Psicanálise e educação: revendo algumas observações e hipóteses a respeito de uma (im)possível conexão. In: KUPFER, M. C.; LAJONQUIÈRE, L. (Org.). **Psicanálise, infância, educação**. São Paulo: USP, 2002.
- BALLESTER, M. **Avaliação como apoio à aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- BASSEDAS, E. **Aprender e ensinar na educação infantil**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- BRASIL. **Referencial Curricular para a Educação Infantil**. v. 1, Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- GODOY, A. S. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 2, mar./abr. 1995.

- HAYDT, R. C. C. **A avaliação do processo ensino-aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1997.
- HOFFMANN, J. M. L. **Contos e contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- _____. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. 10. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 17. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- _____. Avaliação da aprendizagem na escola e a questão das representações sociais. **Eccos Revista Científica**, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 79-88, dez. 2002.
- NICOLAU, M. L. M. **A educação pré-escolar fundamentos e didática**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1986.
- QUINTANA, H. E. O portfólio como estratégia para a avaliação. In: BALLESTER, M. et al. **Avaliação como apoio à aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- RABELO, E. H. **Avaliação: novos tempos, novas práticas**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança**. São Paulo: Libertad, 1994.
- WAJSKOP, G. **Brincar na pré-escola**. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção: Questões da nossa época).

Submetido em 16 de julho de 2015.

Aprovado em 11 de outubro de 2015.